

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME VIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1969

## O POÇO DA ESTAÇÃO ROMANA DA TORRE DOS NAMORADOS (FUNDÃO)

### INTRODUÇÃO

No dia 16 de Maio de 1969, o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Antonio G. Morão, prior da freguesia da Orea (Fundão) e meu particular amigo, durante urna breve estadia em Lisboa, informou-me que adquirira um conjunto de vasos metálicos, que haviam sido recentemente achados «na escavação dumas construções soterradas encontradas na Quinta da Torre, da freguesia de Vale de Prazeres» (\*).

Pelo exame duma fotografia que teve a amabilidade de me oferecer na altura, e pela descrição resumida que fez do local e circunstâncias do achado, fiquei com a convicção de que se tratava dum importante e muito raro conjunto de vasilhas de bronze — «parecem doiradas» — que nessa ocasião, apressadamente, julguei único no nosso país (1).

(\*). Este trabalho deve muito à acção e ajuda desinteressada das seguintes pessoas e entidades:

Rev.<sup>o</sup> Padre António G. Morão e sr. José Teodósio Canarias, pela parte importante que lhes coube no achado, salvação e revelação desta estação arqueológica;

Adília M. Alarcão, Jorge Alarcão e Maria Isabel Sousa Pereira, a amabilíssima e activa equipa de trabalho do Museu Monográfico de Conímbriga, com quem sempre tive diálogo proveitoso, e a quem se fica devendo uma parte das informações contidas neste estudo;

Serviço de Fomento Mineiro, pela espontânea franqueza com que me recebeu e autorizou a publicação das fotos da est. X.

A todos, sinceramente agradeço.

(1) L. de Albuquerque e Castro, «Achados romanos na Mina do Fojo das Pombas (Valongo)», separata de *Estudos, Notas e Trabalhos* do Serviço de Fomento Mineiro, Porto, 1961.

Combinou-se urna visita à Orea para ver os materiais e local do achado, visita essa que efectuei nos dias 24 e 25 do mesmo mês, na companhia desse meu amigo, e do proprietário sr. José Teodósio Canarias.

O local do achado situa-se numa horta que o referido senhor possui no Vale do Cortiço, próximo do Chão da Torre — onde as lendas locais situam a famosa Torre dos Namorados (1). De facto, não só aí, como numa vasta zona à sua volta, constatei a existência de inúmeros grandes blocos de cuidada cantaria de granito (que em alguns casos excedem três metros de comprimento), reutilizados na construção dos casais. Nas terras de sementeira, hortas e olivais circundantes, observamos muitos fragmentos de tijolo macisso, telha de rebordo e «dolia». Da alvenaria de pedra irregular dos referidos casais destacava-se, por vezes, uma pedra moldurada, um pedaço de fuste de coluna e até um grande peso de lagar.

Tudo isto, que ia sendo registado e fotografado à medida do percurso, pareceu-nos indicar uma importante «villa» rústica que se estendia por vasta área.

Durante a visita à estação, o sr. Teodósio Canarias foi-nos contando que, ao pretender fazer um poço de rega num ponto previamente demarcado por um «vedor», encontrara, cinquenta centímetros abaixo, algumas pedras regularmente dispostas em quadrado, que lhe alertaram a atenção e o levaram a demorar a escavação. Tratava-se, como em breve verificou, dum poço «muito antigo», soterrado, por coincidência curiosa, no local onde pretendia fazer o novo.

E efectou a escavação do poço que encontrara, com um bom senso tanto mais de louvar, quanto conseguiu, não o destruindo, incorporá-lo na parede do grande poço circular que fez construir ao lado. A este invulgar cuidado (2), se deve o podermos apresentar a fotografia da estampa VI o termos podido realizar com toda a facilidade o levantamento que apresentamos na estampa III e as inúmeras e preciosas informações estratigráficas que espontaneamente nos deu e foram mais tarde

(1) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. IX, 58 e ss., Lisboa, 1963.

(2) Podemos incluir, com vantagens várias, esta escavação realizada por um *amador* sem qualquer preparação, ao lado de muitas escavações que conheço de certos *profissionais*, ou que se dizem sê-lo.

inteiramente confirmadas por outras pessoas que assistiram ao trabalho de escavação.

Deste modo, desmontando a parede Este do poço, foi baixando a escavação até atingir a rocha base e verificar que o poço ainda se afundava cerca de um metro na bancada de xisto. Durante este trabalho, recolheu o jarro de barro, as três vasilhas metálicas que «estavam como que deitadas no centro do poço» e algumas pequenas peças metálicas que descreveremos adiante.

No decorrer desta visita, fui informado da existência de «uma pedra com letras» num casal próximo, cerca de 150 metros. Para lá nos dirigimos e verifiquei tratar-se não de uma, mas de duas ámulas, uma das quais e a mais perfeita de forma, tinha a inscrição apagada por ter «servido a afiar os machados». A outra, embora fracturada inferiormente, apresentava uma inscrição que me pareceu de grande interesse. Consegui que me fossem cedidas (1).

Assim, e um pouco inesperadamente, estávamos perante uma estação e um grupo de materiais arqueológicos de rara importância, que se caracterizavam facilmente como sendo romanos.

Mais tarde, verifiquei que a estação já era referida nas «Memorias Parochiaes de 1758» (2) e que havia em exposição no pequeno mas valioso Museu Arqueológico do Fundão alguns materiais, obtidos por acção do sr. Conselheiro José Alves Monteiro.

Deste conjunto de factos, se fez em sessão de 26 de Junho de 1969 da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, uma resumida comunicação.

Dada a importância e a variedade do contexto desta vasta estação, limitar-nos-emos por enquanto, ao estudo do poço romano e respectivo espólio.

(1) O seu estudo está a ser feito pelo sr. dr. Fernando Bandeira Ferreira.

(2) «Extractos Archeologicos das memorias parochiaes de 1758», in *Arch. Português*, III, 183: 118. Castelleiro (Beira). *Trabalhos antigos*. IV, 108: 373. Penamacor (Beira). Cidade de Asiriavaca.

## LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO E DADOS GEOMORFOLÓGICOS (EST. I-II)

O poço situa-se muito aproximadamente no ponto de coordenadas (referidas ao Observatorio do Castelo): M = I° 50' E e P = 40° 8' N, a 1.600 metros na horizontal e 120° E do marco geodésico da RAPOULA. A altitude do local é de 425 m.

Próximo, a 1.200 metros para Este, corre o Rib.° do Taveiró.

O terreno é pouco acidentado, com ligeiros outeiros espaçados e situa-se exactamente por cima da linha de contacto entre os granitos e granodioritos hercínicos e o complexo xisto grauváquico (1), facto este que pude verificar pela colheita de algumas placas de xisto retiradas do fundo do novo poço, tendo estampados fósseis com a forma de fólculas de acácia, e pela proximidade de grandes penhascos graníticos que afloram as terras. A camada de terras neste ponto deverá ter cerca de 8 metros de possança (sondagem do poço), o que se explica se dissermos que se localiza na zona fundeira dum talvegue.

## O POÇO E O SEU PREENCHIMENTO (EST. III E VI)

Foi aberto numa camada de terras de 8 metros, tendo para esse efeito, como era costume da época (2), sido realizada uma escavação em tronco de pirâmide invertida, até se atingir a camada aquífera, ao nível dos xistos. Abriram uma caixa para recepção das águas na própria bancada de xisto, com uma capacidade de 1 metro cúbico, e elevaram uma construção quadrada de 1 metro por 1 metro, em fiadas horizontais de blocos de granito muito regulares, com as dimensões aparentes de 0,50 X 0,30 metros em média, até à altura de 8 metros, ou seja presumivelmente, um pouco acima do chão, à época da edificação.

(1) Elementos obtidos da Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:1.000.000, editada pelos Serviços Geológicos de Portugal, em 1968.

(2) Sigfried J. De Laet, «Les Fouilles Destelbergen, origines de la ville gallo-romaine de Gand», in *Archeologia*, n.º 30, p. 57, Paris, 1969.

O espaço entre a cantaria das paredes, onde não notei vestígios de argamassa, e os taludes de terra, era preenchido à medida do avanço da construção, por terras e pedras batidas.

A protecção da boca do poço, só por conjecturas poderá ser avançada. No entanto, como ainda hoje se fazem e conservam na região poços e fontes com uma estrutura e construções semelhantes, não será muito despropositado imaginar que fôsse constituída por quatro lajes postas a cutelo, com 15 m/m de espessura e uma altura de peito de 0,80 m.

O material que o preenchia (1) poderá, grosso modo, ser dividido em três zonas. A primeira, a superior, seria formada por terras de entulho superficiais, onde se encontravam (verificação a que tivemos ocasião de proceder no monte de terras retiradas da escavação) fragmentos de tijolo macisso e telha de rebordo. Teria uma altura aproximada de 4,5 m., incluindo a camada de terra arável que o tapava.

A segunda camada seria constituída por terras muito arenosas de cor cinzenta clara (onde conseguimos rastrear a mesma lama ou lodo fino que cobria a cerâmica), ocuparia uma altura de 3 metros sensivelmente, e incluía: quase à superfície, um jarro quase inteiro de cerâmica parda; a seguir, vários fragmentos de «olla» e algumas peças metálicas de difícil caracterização.

A terceira e última camada seria constituída por areias e lodo, de cor cinzenta clara. Seria à superfície desta camada que estavam depositados os três vasos metálicos e talvez as duas asas (2). Logo por baixo, aquilo que ao escavador pareceu ser uma grade ou escada de madeira (3). Quase no fundo, e portanto dentro da caixa aberta no xisto, achava-se uma canga de madeira, que o sr. Teodósio Canarias disse ser igual «às que ainda hoje se fazem na região».

(1) Para estes elementos, que evidentemente não podemos controlar, utilizámos o método de inquérito de repetição e pesquisa de contradições, em uso na etnografia. De todos os relatos elaborámos um mais provável.

(2) As asas das vasilhas metálicas foram recuperadas por inquérito directo ao achador, sr. Teodósio Canarias, que ainda as guardava em casa e a que não dera qualquer importância especial, motivo porque não as cedeu com os vasos.

(3) Ainda conseguimos recolher no monte de terras retiradas dos poços, um bom fragmento de madeira desta grade, que fizemos guardar para futura análise.

As térras que saíram da escavação dos poços deverão ser necessariamente crivadas, para se tentar encontrar alguns elementos de menores dimensões que escaparam. Obtivemos autorização para o fazermos, em devida ocasião.

## DESCRIÇÃO DOS ACHADOS

### I — CERÂMICA

Se abstrairmos os numerosos fragmentos de telha de rebordo, tijolo maciço e tijoleira, que por insuficientemente característicos não interessa descrever, temos:

1 — Jarro («oinochoe»).

Est. VI; est. VII.

N.º de registo: 69.10.06.

Recolhido a cerca de 4,5 metros de profundidade.

Fabrico e pasta grosseiros — muitos grãos de saibro e areia grossa.

Cozedura deficiente.

Raros vestígios do engobe primitivo, acastanhado, e sinais nítidos de fogo.

Boca trilobada, de que só restam indícios por ter uma ampla fractura nesta zona.

Dimensões:

Diâmetro da boca.....	46mm
Diâmetro máximo do bojo.....	113mm
Diâmetro do fundo.....	59mm
Altura.....	135mm
Espessura média.....	6mm

Considerando a sua tipologia (1), podemos situar o fabrico deste vaso no século m d.C..

(1) Vimos dois vasos deste tipo nas vitrinas da vila romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), no Museu Nacional de Arqueologia, que são consideradas por L. Chaves como sendo do século m.

No espólio do cemitério de S. Sebastião (Setúbal) há um vaso semelhante, datado do século iv.

No espólio do cemitério romano de Monte de Penouço (Rio Tinto), havia um outro vaso parecido (Ricardo Severo, *Portugália*, II, 111).

2 — «Olla».

Desta vasilha, conseguimos recolher bastantes fragmentos, que aguardam reconstituição com os que se recolherem na peneiração das terras de escavação. No entanto, o que já existe e que inclui um bom fragmento de bordo, permite uma hipótese de forma que conduz a um tipo de vaso muito frequente na louça considerada doméstica romana, do nosso território: veja-se a colecção de vasos exposta no pequeno Museu de Idanha-a-Velha. O barro é bem cozido, fino, com uma espessura média de 5 mm, cor beje e vestígios de mica prateada.

Por si só, não nos parece que possa designar qualquer época bem determinada.

II — VASILHAS METÁLICAS E PEÇAS ACESSÓRIAS.

Este grupo de objectos, o mais notável de todo o achado, não só pela raridade como pelo óptimo estado de conservação com que chegou felizmente até nós (1), é constituído por:

1 — Balde de bronze (2)

Est. IV, 1; est. V, 1; est. XII, 1.

N.º de registo: 69.11.03

(1) Todas as peças metálicas foram tratadas convenientemente. Parte nos laboratórios do Museu Monográfico de Conímbriga (pés e asas dos baldes) sob a direcção da dr.<sup>a</sup> Adília Alarcão, onde foram classificados pela dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Sousa Pereira, e outra parte (três vasos metálicos), posteriormente, no laboratório do Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra, pelo autor deste trabalho e M. Eugénia Dias.

(2) As matérias de que são constituídas as peças metálicas são dadas como mera hipótese, aguardando as necessárias análises rigorosas, para comprovação.

Esta peça foi executada por martelagem, numa única chapa de metal e estirada ao torno (1), seguida de alisamento exterior, também ao torno. O bordo foi martelado e revirado no final, bem como o recorte das duas argolas de suspensão, perfuradas a punção, de dentro para fora.

A peça algo amolgada, pelo intenso uso de que mostra nítidos vestígios, não apresenta qualquer decoração, apenas mostrando exteriormente os sulcos ténues do rodado de torno.

Tem dois remendos feitos com chapa igual ao vaso, convenientemente rebitados a cobre. Recortados em chapa, faziam dois pequenos remendos, um por dentro, outro por fora, que eram seguidamente cravados. Um terceiro remendo existe, que por ser no bordo do vaso, foi realizado numa só chapa que segue a forma do mesmo, e vira para dentro, sendo depois rebitada. Um dos primeiros remendos descritos quase coincide com o ponto do torno, e perdeu parte do rebite e chapa exteriores.

A superfície do vaso apresenta algumas fendas, que me parecem ter sido provocadas por impacto de queda somado à pressão das terras de entulho. O vaso encontrava-se de lado, no centro do poço, a cerca de 7 metros de profundidade, conjuntamente com os vasos descritos a seguir, com os números 2- e 3-.

Parece ser a peça mais antiga do grupo, tanto pela forma como pelo uso que mostra.

Peso..... 224 g

	<i>Valores médios</i>
Diâmetro pelo exterior do rebordo .....	160 mm
Diâmetro da boca.....	139 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	137 mm
Diâmetro do fundo.....	42 mm
Altura.....	118 mm
Espessura da chapa.....	1,2 mm

(1) As características de fabrico são idênticas às que pude observar na esplêndida oficina de caldeiraria do sr. Faria da Cunha, de Oliveira do Hospital, a quem devo alguns esclarecimentos técnicos, e onde a tradição deste trabalho se mantém, sem adulterações sensíveis, conservando uma rara qualidade.

## 2 — Balde de bronze ou latão

Est. IV, 2; est. V, 2; est. XII, 2; est. IX, 3; est. XI.

N.º de registo: 69.11.04.

Peça muito semelhante em características de forma e fabrico à anterior, pelo que nos dispensaremos de repetir o que então dissemos. Acrescentaremos que o seu estado de conservação é quase perfeito, sem corrosão aparente, sem remendos, com algumas pequenas amolgadelas e fendas possivelmente devidas ao impacto de queda. Exteriormente, e interiormente junto ao bordo, notam-se as estrias muito vivas do trabalho de torno.

Ausência de pés.

A grande singularidade desta peça, relativamente à anterior, consiste na decoração superior do bordo, que apresenta a espaços, e em todo o perímetro, uma série de riscos paralelos e entrecruzados feitos a cinzel. Estudaremos esta decoração adiante.

Encontrava-se de boca para baixo, junto às peças 1- e 3-, a 7 m de profundidade.

Peso..... 498 g

*Valores médios*

Diâmetro pelo exterior do rebordo . .	227 mm
Diâmetro da boca.....	206 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	205 mm
Diâmetro do fundo.....	55 mm
Altura.....	182 mm
Espessura da chapa.....	1,6 mm

## 3 — Balde de bronze ou latão.

Est. IV, 3; est. V, 3; est. XII, 3; est. IX, 1 e 2.

N.º de registo: 69.11.05

Peça obtida a partir duma só chapa, o que bem demonstra a extrema perícia de quem a trabalhou. A sua forma é muito diferente das anteriores, e não tivesse sido achada junta com elas, fácil teria sido atribuí-la a uma outra época. No entanto, certas particularidades de fabrico são as mesmas numa e outras peças: o efeito da martelagem reconhece-se

por indícios iguais, o mesmo sucedendo com as estrias do trabalho do torno e diâmetro do *ponto* do fundo, que é o mesmo.

A matéria deste balde é semelhante, senão a mesma, do anterior.

No fundo apresenta marcas evidentes de soldadura, a todo o seu perímetro, dum anel que lhe serviria de pé, e que não foi encontrado.

No entanto, para além da bem marcada carena que apresenta, diferente modelo de bordo, que é vincado duas vezes em ângulo recto, a característica que mais ajuda a individualizar esta peça é a presença, em pontos opostos do bordo, de duas peças fundidas de cobre, soldadas a estanho e não rebitadas, representando uma máscara. São precisamente estas argolas — neste caso *maskardes* — que lhe conferem a sua especial importância. Adiante veremos porquê.

Foi encontrada como já se disse a 7 metros de profundidade, deitada de lado, agrupada com as peças 1- e 2-.

O seu estado de conservação é o melhor possível. Não fora as ligeiras amolgadelas que apresenta, uma pequena fenda na carena soldada a estanho, outra recente, e a argola dum dos mascarões partida, dir-se-ia ter sido abandonada praticamente sem uso.

Para este balde, baseados em raros elementos de difícil consulta (1), e na época atribuída a um vaso semelhante recolhido na Mina do Fojo das Pombas (2), damos uma datação que oscilará prudentemente dentro dos séculos i e n d.C..

Peso..... 1075 g

	<i>Valores médios</i>
Diâmetro pelo exterior do rebordo . .	242 mm
Diâmetro da boca.....	218 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	298 mm
Diâmetro do fundo.....	103 mm
Altura.....	285 mm
Espessura da chapa.....	0,7 mm

(1) L. Chaves, «Estudos lusitano-romanos. I. — A «villa» de Santa Vitória do Ameixial (concelho de Estremoz). Escavações de 1915-1916», in *O Arch. Português*, XXX, 103.

(2) Vid. nota 1 da pág. 65 deste artigo.

- 4 — Asa de balde, de cobre. (?)  
Est. IV, 2; est. V, 1.  
N.º de registo: 69.11.04.

É constituída por urna fina chapa de cobre ou bronze, com a espessura de 1,5 mm, que parece ter sido repuxada e martelada por caldeamento, de modo a obter-se a forma arqueada que apresenta. Uma das suas extremidades em curva acha-se estirada, o que poderá ser atribuído a excesso de peso do vaso que suportava.

Por hipótese razoável, parece-me que pertenceria precisamente ao vaso 2, porque apresenta um afastamento entre ansas, igual à distância entre as argolas do vaso.

Em toda a bibliografia e colecções que percorri, não encontrei paralelo para esta peça. As asas que mais se lhe aproximam, são quase sempre rematadas por cabeças de cisne ou cobra.

- 5 — Asa de balde, de ferro.  
Est. IV, 3; est. V, 2.  
N.º de registo: 69.11.05.

É formada por um varão octogonal de ferro, que parece ter sido repuxado e recurvado ao fogo. Tem uma secção média de 6 X 6 mm. As duas extremidades são recurvadas para cima e apresentam, como remate, duas cabeças de cisne ou cobra, que ilustram perfeitamente o que dissemos no anterior parágrafo (1). Este tipo de asa é bastante vulgar, quando em cobre ou bronze; em ferro, e com a secção que apresentamos, não conheço similar. No entanto, podemos explicar a sua raridade, em grande parte, pela relativa efemeridade do material constituinte, que, neste caso, se apresenta muito corroído, embora as excepcionais condições de jazida a que ficaram sujeitas todas estas peças tenha contribuído para que este objecto apresente ainda um bom núcleo metálico.

A sua curvatura seria quase circular, se não fosse uma ligeira dobra na parte superior do arco, que uma vez desfeita permitiria fazer atribuir esta asa ao vaso 3, hipótese esta que propomos.

(1) A dr.<sup>a</sup> M. Isabel Sousa Pereira é do parecer que se trata de *cabeças de cobra*, reservando o termo «cabeça de cisne» para um outro tipo de remate que se caracteriza por terminar num botão espalhado.

- 6 — Pé de balde, de cobre.  
 Est. VIII, 1; est. V, 4.  
 N.º de registo: 69.11.01.

A determinação da serventia desta peça e da que se segue apresentava-se muito problemática, uma vez que a bibliografia e colecções consultadas não incluíam nada de comparável. Em Outubro de 1969, obtive finalmente a decifração da função destes objectos: tratava-se de pés de baldes, que eram soldados por 3 ou 4, no fundo desses recipientes.

A peça considerada, tem de comprimento 50 mm e uma espessura média de 6 mm.

Por comparação com as peças representadas na est. VIII, 2 e 3, que estão datadas, podemos atribuí-la ao século i d.C..

- 7 — Pé de balde, de bronze.  
 Est. VIII, 4; est. V, 3.  
 N.º de registo: 69.11.02.

De igual modo, a utilidade desta peça, bastante diferente da anterior, ficou resolvida na mesma ocasião. Tratava-se também dum pé de balde. A peça parece fundida num bronze em que entra uma forte dose de chumbo — facto este verificado durante os trabalhos de limpeza, — e tem de comprimento 70 mm, uma largura média de 21 mm e a espessura média de 11 mm.

Por comparação com as peças ilustradas na est. VIII, 6, podemos atribuir este artefacto ao século i d.C. (1).

A peça ilustrada na est. VIII, 5, encontra-se no Museu Santos

(1) Devo esta identificação à dr.<sup>a</sup> M. Isabel S. Pereira, que me deu as referências bibliográficas que a seguir seguem, e donde copiei as figuras VIII, 2, 3 e 6.

Para a peça 6:  
 Gunther Ulbert, *Die römischen donau-kastelle Aislingen und Burghöfe*, p. 95, est. 23, n.ºs 14 e 15. Berlin 1959.

Para a peça 7:  
 Maria H. P. Den Boesterd, *The bronze vessels in the Rijksmuseum G. M. at Nijmegen*, p. 39, figs. 113 e 114, 1956.

Rocha da Figueira da Foz, onde tem o n.º de catálogo 7970, e é igualmente de bronze. A sua proveniência é desconhecida.

Há uma peça idêntica nas colecções do Museu Monográfico de Conímbriga.

Até à data, são as únicas peças comparáveis existentes em Portugal, de que tivemos conhecimento.

## CONCLUSÕES

Resta-nos, portanto, integrar este achado no contexto da arqueologia do nosso país.

Para esse efeito, os únicos termos de comparação que considero válidos para o caso em estudo são, em primeiro lugar, o trabalho já várias vezes referido sobre os materiais de Mina do Fojo das Pombas, outro importante conjunto de vasilhas de metal romanas (1) e o breve mas muito útil estudo sobre o poço romano de Egitânia (2).

### os VASOS

Tenhamos presentes a est. XII e, se possível, o estudo sobre os achados do Fojo das Pombas. Sem esforço, poderemos dividir tipologicamente o conjunto de vasos representados, em três núcleos bem definidos quanto à forma, fabrico e elementos decorativos.

O primeiro grupo, será constituído pelos vasos n.ºs 4 e 5, que apresentam os seguintes valores constantes:

Execução por junção de várias chapas.

Material: cobre.

Ligação das placas por rebites de cobre.

Forma obtida por simples martelagem e recozimento.

Argolas perfuradas numa chapa separada e rebitadas no vaso.

(1) Devo o conhecimento deste trabalho ao sr. dr. Jorge Alarcão. Mais tarde, procedi ao estudo directo destas peças no pequeno museu do Serviço de Fomento Mineiro do Porto, onde obtive autorização para os fotografar.

(2) Fernando de Almeida e O. V. Ferreira, «Um poço lusitano-romano encontrado em Idanha-a-Velha», in *O Arqueólogo Português*, I, série III, 57, Lisboa, 1967.

Remendos de chapa de cobre cravada.  
 Ausência de pés.  
 Ausência de decoração.

Deste grupo conhecem-se vários exemplares, incluindo mais um da série Valongo, que não vai figurado.

O exemplar designado pelo número 5, de Valongo, (est. X), tem uma argola de tipo mais recente (fundida) soldada por cima da primitiva argola de folha rebitada, que se poderá perceber por baixo; do mesmo modo, os vestígios de pés que apresenta, por serem soldados a estanho, terão de ser considerados posteriores, talvez da época da aposição da argola fundida.

Ao segundo grupo, pertencem os vasos 1 e 2, que são dum tipo completamente inédito até à data. Têm como características constantes:

Execução numa chapa única de metal.  
 Material: bronze ou latão.  
 Forma obtida por recozimento e estiramento ao torno.  
 Argolas de suspensão recortadas na própria folha do balde e perfuradas.  
 Remendos rebitados com a mesma chapa do vaso e rebites de cobre.  
 Ausência de soldadura a estanho.  
 Ausência de pés.  
 Decoração riscada a cinzel, com motivos que lembram sugestivamente certa decoração típica da época La Tène 11(1) (Est. IX, 3; est. XI).

(1) A. Viana, *Museu regional de Beja — Alguns objectos da Idade do Bronze*, Beja, 1946. J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», in *O Arch. Port.*, VIII, 162.

Por curiosidade, apresentamos a seguir um pequeno quadro com as repetições dos motivos decorativos usados neste vaso:

a	b	c	d	e
4 ×	1 ×	2 ×	1 ×	2 ×

O terceiro e último grupo, ilustrado pelos vasos 3, 6 e 7, apresenta as seguintes características constantes:

- Execução numa só chapa de metal.
- Material: bronze ou latão.
- Forma obtida por martelagem e repuxamento, com estiramento ao torno e recozimento.
- Argolas de suspensão fundidas e soldadas a estanho.
- Remendos por simples soldadura a estanho.
- Pés de bronze soldados a estanho.
- Ausência de decoração, a não ser a que se apresenta nas argolas.

Conhecem-se vários tipos de argolas fundidas (1). O vaso 6 vai fotografado na est. X. Deste grupo é um outro vaso da Mina do Fojo das Pombas que se não representa fotograficamente, mas que vai designado com o n.º 7 na est. XII, e que é o mais semelhante ao vaso 3- da Torre.

E temos assim esboçados três tipos bem definidos, a que será tentador atribuir uma cronologia relativa. Pensamos que o tipo primeiro deverá ser o mais antigo, já que estamos relativamente convencidos de que os tipos 2.º e 3.º poderão ser quase contemporâneos.

É objecção muito razoável, poder atribuir-se tais diferenças a fenómenos de diferenças locais, oficinais, a diferentes tradições artesanais contemporâneas ou até à corrente razão que explica estas diferenças por simples fenómenos de importação, aliás verificados noutros produtos da mesma época. De tudo o que expusemos, concluímos ser melhor esperar, e deixar o estudo nesta fase embrionária de análise.

No entanto e independentemente das conclusões expendidas acima, parece-nos que o tipo mais comum de argolas fundidas que se conhece no nosso país, o tipo mascarão, cujo «protótipo é o dos

(1) Manuela Delgado prepara uma tipologia de argolas de situlas encontradas em Conimbriga, que publicará no próximo volume desta revista.

selos de bronze itálicos», nos dizeres de L. Chaves (1), se poderá sem grande risco, associar mais ou menos definitivamente aos baldes que constituem o grupo 3.º (Est. XII, 3, 6 e 7).

Podemos afirmar também, sem grandes riscos de desmentido, que o grupo de vasilhas descoberto no poço da Torre serviria para o transporte de água — simples baldes, e que devem ter sido abandonados por terem caído no poço (fractura de asas, argolas?), sendo a sua recuperação impossibilitada felizmente, pela pequenez e profundidade do poço.

#### 0 POÇO

Se excluirmos o estudo sobre o poço de Egitânia, pouco ou nada se conhece no nosso país sobre este assunto. Encontrei uma única magra referência noutra trabalho (2) onde se diz que na «Tapada de Chaminé (freguesia de Vila Fernando)...há um poço, possivelmente romano, cujo paramento interno é de alvenaria». E mais nada.

Resta-nos portanto, comparar o caso em estudo, com o poço descoberto em 1964 por baixo da muralha romana (séc. m/iv) da cidade de Egitânia. Entre um e outro há flagrantes pontos de semelhança. (Não esquecer que as suas regiões formam sob o ponto de vista de geografia humana, um todo). Assim, verificamos:

a) —o mesmo dimensionamento e forma: um quadrado de 1 m x 1 m.

b) —preenchimento com uma estratigrafia muito parecida.

Não referimos a igualdade de alturas, porque ela depende necessariamente da situação dos lençóis de água, e poderia muito bem ser diferente. O acaso, proporciona-nos deste modo uma igualdade natural, que nos irá permitir uma comparação muito facilitada.

(1) Luís Chaves, *art. cit.*

(2) A. D. Deus, H. S. Louro e A. Viana, *Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Eivas*, p. 569, Saragoça, 1955.

Observemos o quadro seguinte:

ALTURA DAS CAMADAS (METROS)	POÇO DA TORRE DOS NAMORADOS		POÇO DE EGITÂNIA	
	<i>Época</i>	<i>Conteúdo</i>	<i>Conteúdo</i>	<i>Época</i>
Sup. «0»	Séc. xx		Construção da muralha	Séc. III/IV
1		Entulho de terras su- perficiais com:	Entulho de terras com:	
2		<i>tijolos</i>	<i>tijolos</i>	
3		<i>telhas</i>	<i>telhas</i>	
4		<i>tijoleiras</i>		
5	Séc. III	Terras arenosas e lódo	Terras finas anegradas	Séc. II
6		<i>Jarro</i> <i>Fragts. «Olla»</i>	<i>Cerâmica doméstica</i> <i>Vaso da época de</i> <i>Augusto</i>	
7	Séc. I/II	<i>Baldes de metal</i>	<i>«Terra sigilata» dos</i> <i>sécs. I e II</i>	Séc. I
8		<i>Grade de madeira</i>	Terra negra carbonosa com:	
9 <sup>m</sup>		<i>Canga de madeira</i>	<i>estatueta, anéis, alfine-</i> <i>tes, ossos, sementes,</i> <i>roda de madeira...</i>	
		XISTO	XISTO	

O quadro parece-nos esclarecedor porque demonstra a relativa contemporaneidade dos níveis das duas estações e poderá fornecer para o estudo das vastas estações, um marco importante de referência cronológica, que se irá enriquecendo por interpolações. Os dados duma estação confirmam os da outra, e dão uma visão mais ampla da historia duma vasta região do país, na época considerada.

E para finalizar, diremos que da análise dos numerosos elementos a que este simples estudo nos obrigou, do exame atento de certos indícios comuns à região do Fundão e à região da Idanha: antroponímia, toponímia, nomes de deuses, somados aos indícios que se revelam por uma intensa ocupação na época do ferro, muito bem testemunhada nas duas regiões, conduzem-nos insensivelmente, a pensar que a romanização vitoriosa, encontrou um ambiente culturalmente muito evoluído,

ao contrário do que estamos habituados a pensar. E, que esse ambiente cultural teria umas raízes tais que, sobrevivendo a diversas comoções históricas, algumas muito graves, parecendo irreparáveis, ainda hoje mantém certas singularidades culturais que surpreendem pela sua riqueza. Refiro-me ao povo e folclore da Cova da Beira e Campanha da Idanha.

Apraz-me neste instante citar uma curta passagem que a muitos poderá parecer descabida, mas que eu acho carregada de boa significação :

..... «Le dieu Lug en effet était dans l'épopée celtique le bon ouvrier, à la fois charpentier, forgeron et poète, capable d'exécuter de ses mains, avec ses outils, n'importe quel ouvrage. Dans le panthéon des Celtes, ce n'était pas le dieu de la guerre qui se trouvait le plus honoré, mais ce dieu Lug, celui des techniciens. » R. P. (1).

### RÉSUMÉ

Dans un puit romain fouillé à Tôrre dos Namorados, près de la petite-ville de Fundão, Beira Baixa, on a trouvé un group important de trois pièces métalliques, trois «situlae», qui par leurs formes et leurs décors donnent des précieux renseignements pour l'étude de la colonisation romaine à cet endroit. L'auteur présente aussi la stratigraphie comparée de cette station archéologique et du puit de la ville romaine d'Egitânia, dans la même région.

GUSTAVO MARQUES

NOTAS FINAIS — Os objectos estudados no presente trabalho serão brevemente expostos no Museu do Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra, onde se encontram em estudo. Os n.<sup>os</sup> de registo são os do Arquivo do Centro.

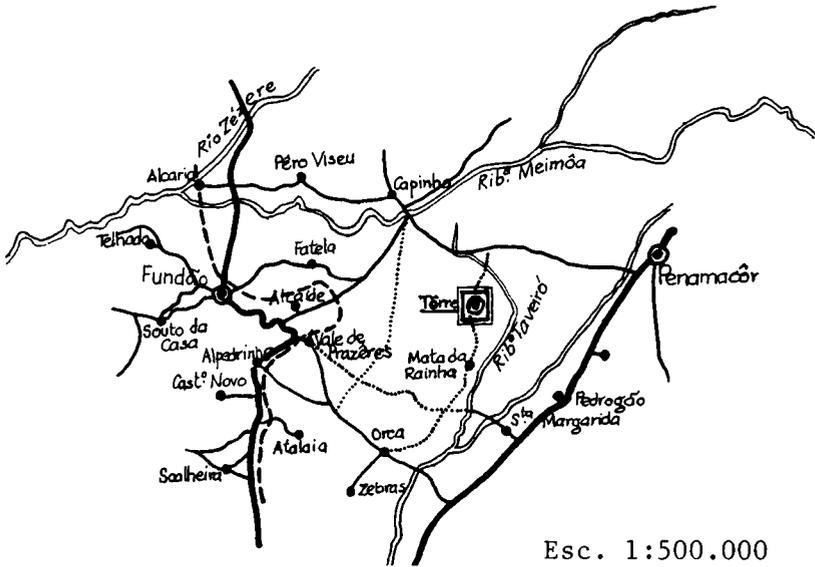
Estando já este estudo em impressão, numa visita realizada em Maio de 1970 ao Museu Arqueológico Municipal da Figueira

(1) Régine Pemoud, «Le Gaulois ce technicien genial», in *Archeologia*, n.º 7, 22. Paris, 1965.

da Foz, esclareceu-se a proveniência da peça n.º 7970, atrás referida (p. 77); vem inscrita no livro de Registo de Entradas desse museu, com o n.º 376, pelo punho de Santos Rocha. Foi encontrada em Portunhos (Cantanhede).

Aproveito a ocasião para agradecer à direcção do referido museu, na pessoa do sr. dr. Victor Guerra, todas as atenções e facilidades concedidas para o estudo e referenciação dos materiais ali expostos.

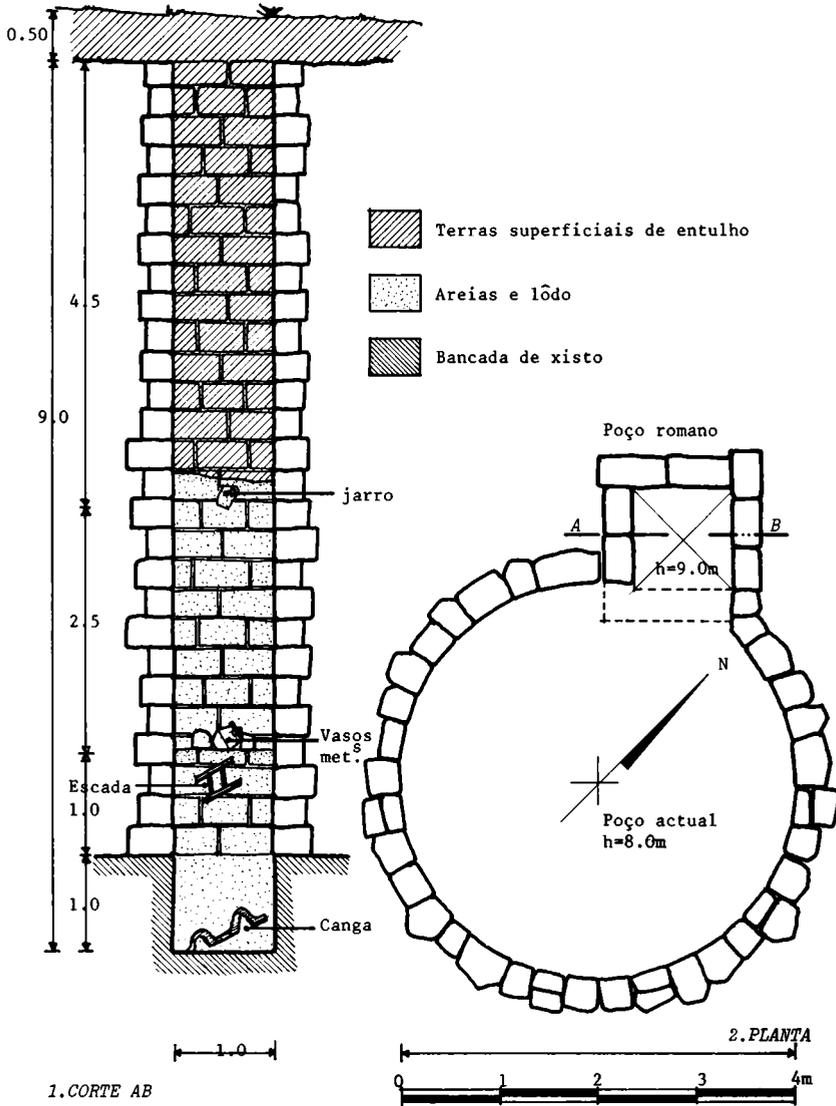
(Página deixada propositadamente em branco)

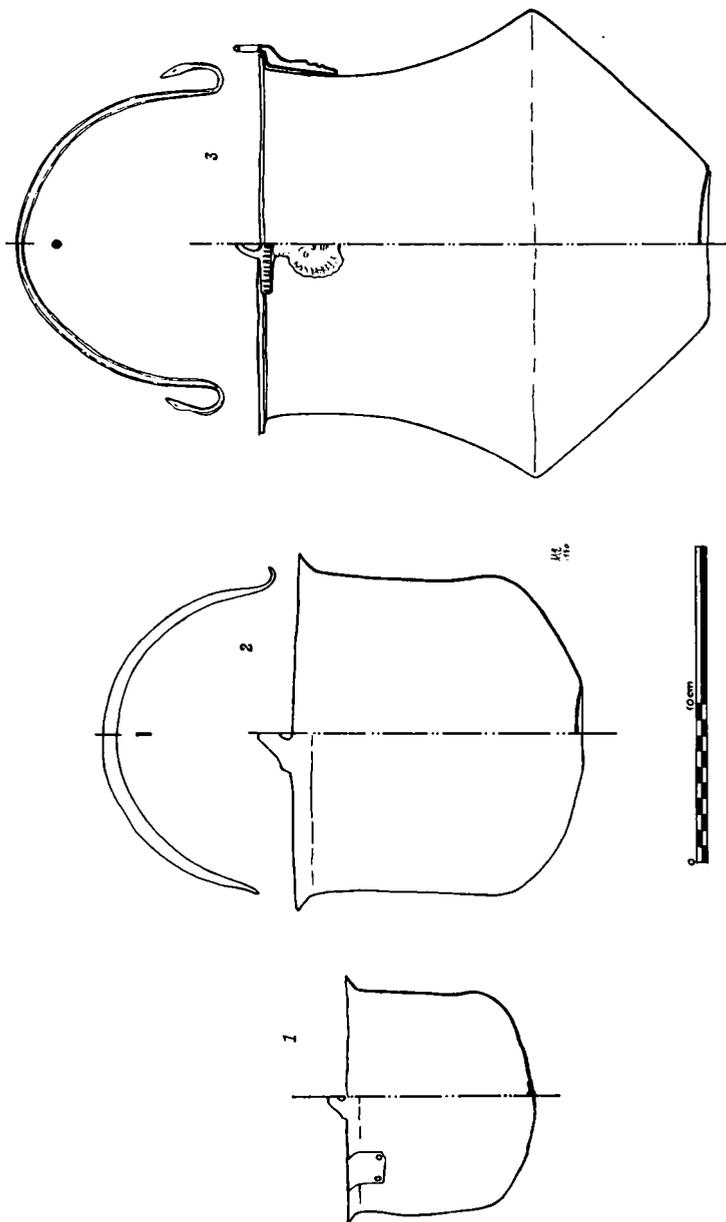


Esc. 1:500.000

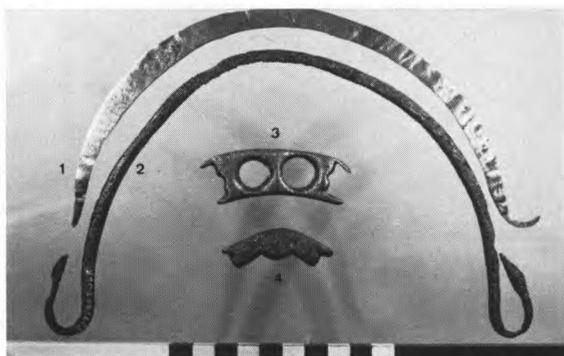
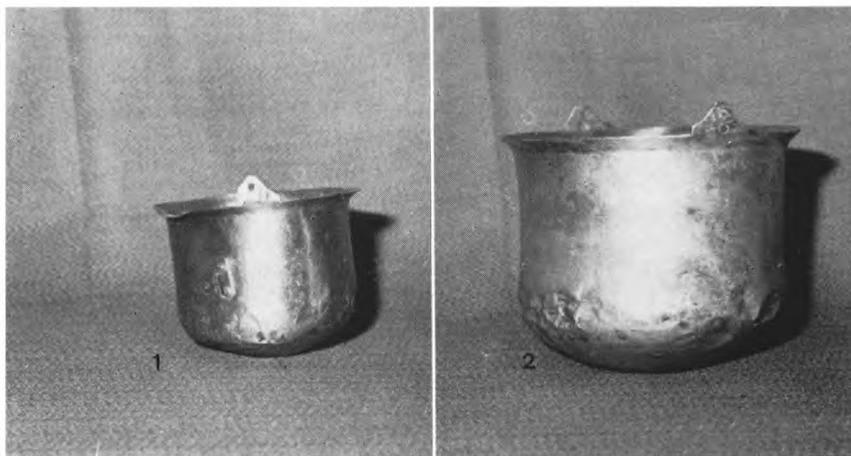


ESQUEMA DO POÇO E RESPECTIVO PREENCHIMENTO





Esquema dos baldes e prováveis asas



Baldes, asas e pés metálicos

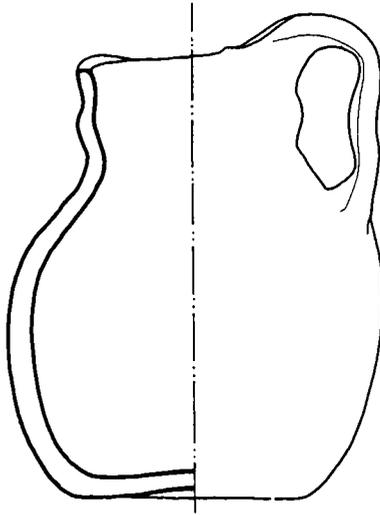
Est. VI



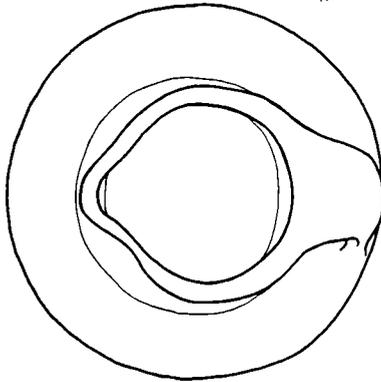
Poço actual e poço romano



Jarro

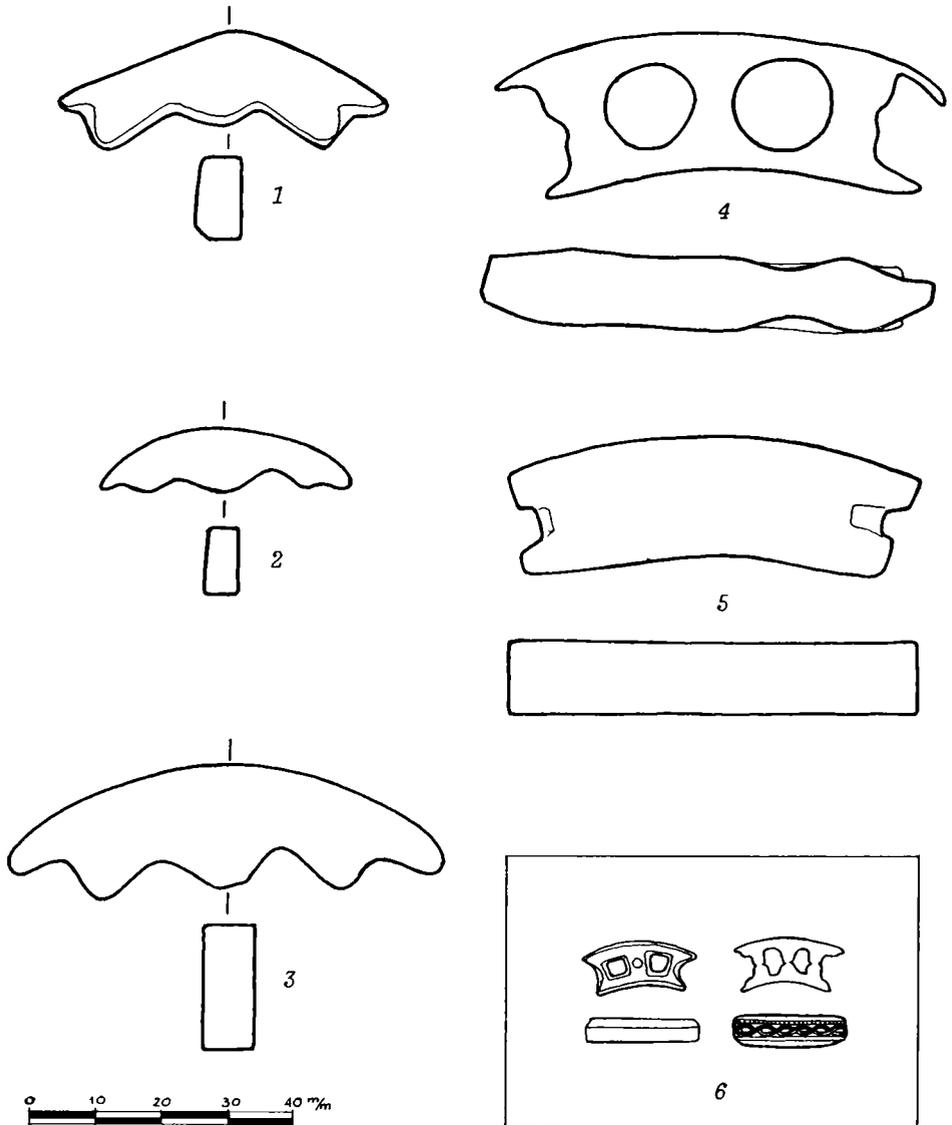


45  
1970

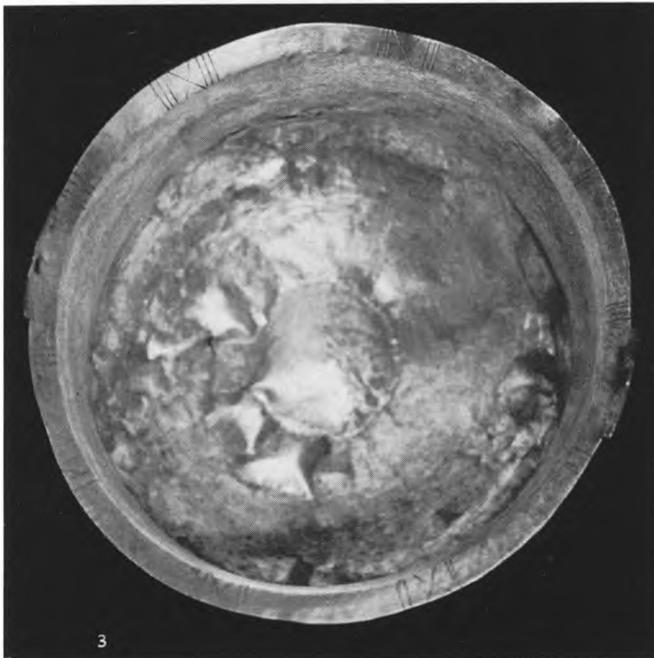


Jarro

Est. VIII



Pès de *situlae*

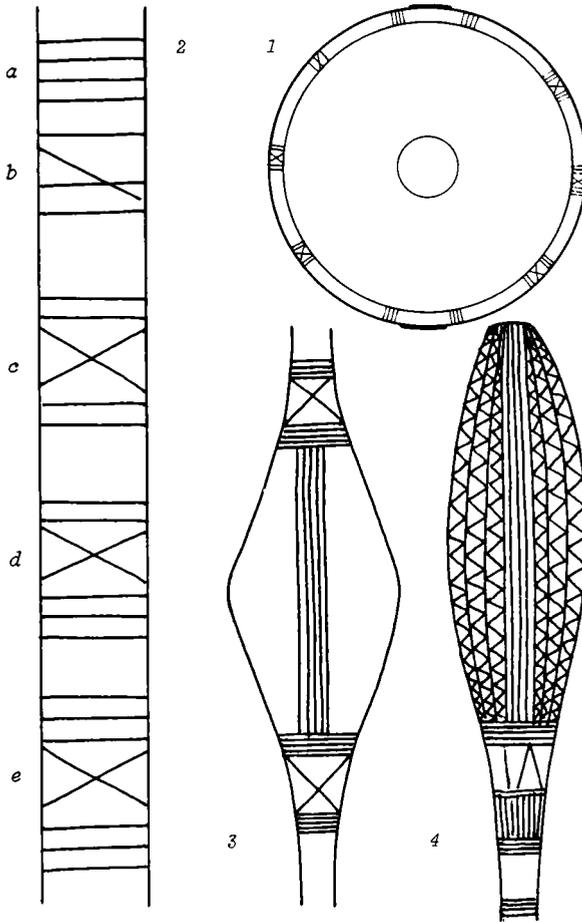


Argolas do vaso 3 e decoração do vaso 2

Est. X

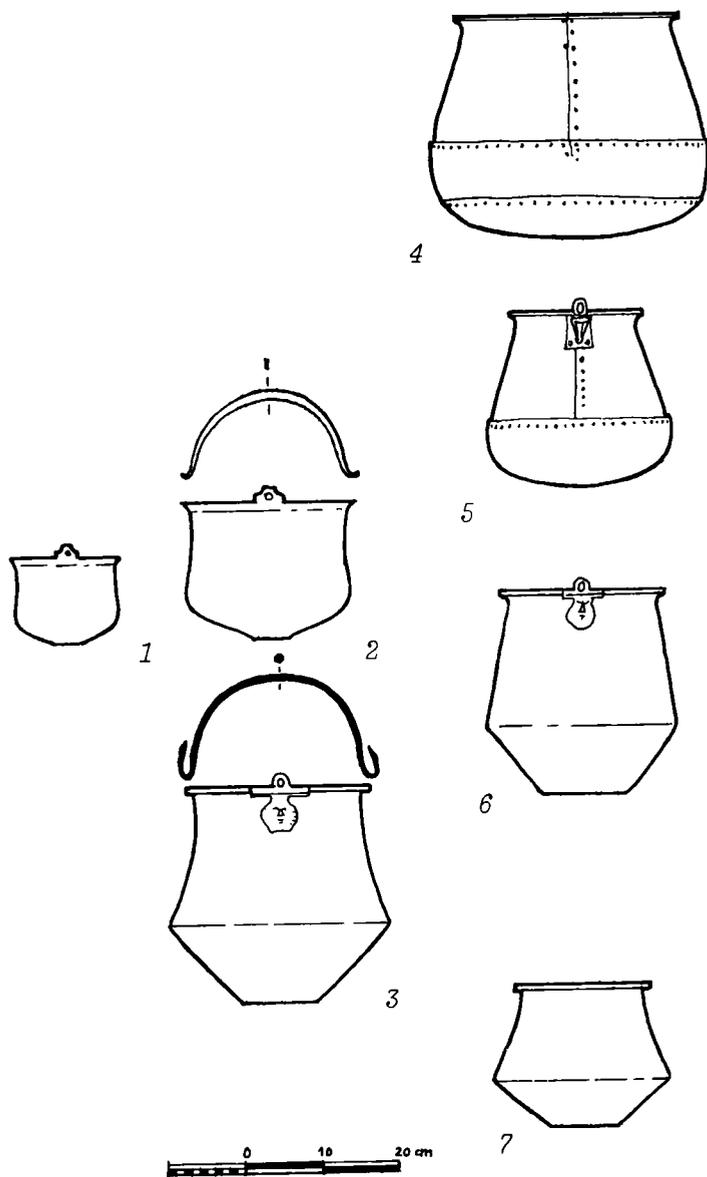


Vasos de mina do Fojo das Pombas



1-2. Decoração do vaso 2.

3-4. Decoração de duas fibulas de Quintos (Serpa).



Esquema de comparação formal entre a série de vasos metálicos da Torre dos Namorados (1, 2, 3) e alguns vasos da Mina do Fojo das Pombas (4, 5, 6, 7).